

**PATRICIA
CORNWELL**

NECROTÉRIO

Tradução
ANGELA PESSOA

p a r a l e l a

Copyright © 2010 by Cornwell Entertainmnet
Proibida a venda em Portugal

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Port Mortuary

CAPA Milena Galli

FOTO DE CAPA Mari Juliano

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cornwell, Patricia

Necrotério / Patricia Cornwell ; tradução Angela Pessoa. — 1^a ed. —São Paulo : Paralela, 2014.

Título original: Port Mortuary.

ISBN 978-85-65530-68-2

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana) I. Título.

14-04246

CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana
813.0872

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br

1

No vestiário feminino, atiro a roupa suja do hospital em um coletor de risco biológico e tiro o restante das roupas e o calçado. Pergunto-me se CEL. SCARPETTA, gravado em letras pretas em meu armário, será removido no minuto em que eu retornar a New England pela manhã. Esse pensamento não havia me passado pela cabeça até agora e me incomoda. Uma parte minha não quer deixar este lugar.

A vida na Base Aérea de Dover tem seus confortos, apesar dos seis meses de treinamento árduo e da desolação de lidar diariamente com a morte em nome do governo dos Estados Unidos. Minha estada aqui foi surpreendentemente simples. Posso dizer que foi até mesmo agradável. Vou sentir saudades de me levantar antes do amanhecer em meu modesto quarto, vestir uma calça, uma polo, botas e cruzar a pé o estacionamento, na escuridão gelada, até o campo de golfe para tomar café e comer alguma coisa antes de seguir de carro até o necrotério, onde não estou no comando. Quando estou de serviço como médica-legista das Forças Armadas, não sou chefe. Na realidade, um grande número de pessoas tem patente superior à minha e não sou eu que tomo as decisões críticas. Quando muito, sou consultada. Não é assim quando retorno a Massachusetts, onde todos dependem de mim.

É segunda-feira, 8 de fevereiro. Iluminado em vermelho, como um aviso, o relógio acima das pias brancas reluzentes marca 16h33. Em menos de noventa minutos, vou aparecer na CNN para explicar o que é um patologista radiológico forense e por que me tornei uma, e o que Dover, o Departamento de Defesa e a Casa Branca têm a ver com isso. Em outras palavras, já não sou mais apenas médica-legista, tampouco apenas reservista do AFM&ES. Desde o Onze de Setembro, desde a invasão ao Iraque, e agora com o aumento das tropas no Afeganistão — ensaio os pontos que devo abordar —, a fronteira entre as esferas militar e civil desapareceu

para sempre. Um exemplo que eu poderia dar: em novembro, por um período de quarenta e oito horas, treze soldados mortos foram trazidos para cá do Oriente Médio de avião, e exatamente o mesmo número de corpos chegou de Fort Hood, no Texas. Grandes contingentes de vítimas não se restringem ao campo de batalha, embora eu já não saiba ao certo o que constitui um campo de batalha. Talvez todos os lugares sejam campos de batalha, vou dizer na tv. Casas, escolas, igrejas, aviões comerciais e os locais onde trabalhamos, fazemos compras e passamos férias.

Seleciono artigos de higiene pessoal como seleciono os comentários que vou precisar fazer sobre radiologia 3-D, tc, a tomografia computadorizada e os exames no necrotério e lembro-me de enfatizar que meu novo centro de operações em Cambridge, Massachusetts, é a primeira instituição civil nos Estados Unidos a realizar autópsias virtuais, Baltimore será a próxima e, por fim, a tendência vai se difundir. A tradicional investigação *post mortem* de dissecação, em que você comparece, bate fotografias após a ocorrência e espera não deixar passar nada nem modificar a cena do crime pode, e deve, ser dramaticamente aprimorada e tornada mais precisa pela tecnologia.

É uma pena não participar do *World News* esta noite, porque, agora que estou pensando nisso, percebo que preferia ter esse diálogo com Diane Sawyer. O problema da minha presença constante na CNN é que a familiaridade muitas vezes leva a uma diminuição do respeito. Eu deveria ter pensado nisso antes. A entrevista pode se tornar pessoal, e eu devia ter mencionado essa possibilidade ao general Briggs antes. Devia ter contado o que aconteceu hoje pela manhã quando a mãe enraivecida de um soldado morto gritou comigo ao telefone, acusando-me de preconceituosa e ameaçando levar a queixa à imprensa.

A porta de metal do meu armário soa como um tiro ao ser fechada. Caminho sobre o ladrilho canela, sempre frio e liso sob meus pés descalços, carregando minha cesta plástica com xampu e condicionador à base de oliva, um creme esfoliante feito de algas marinhas fossilizadas, uma gilete, espuma para pele sensível, detergente líquido, uma toalha, enxaguante bucal, escova de dente, uma escovinha para as unhas e óleo Neutrogena perfumado para quando terminar tudo. No interior de um boxe aberto, arrumo primorosamente meus objetos pessoais na pratelei-

ra e abro a água no mais quente que consigo suportar, o jato forte explodindo à medida que me desloco para me molhar inteira, depois ergo o rosto, então olho para o chão, para meus próprios pés brancos. Deixo a água bater na nuca e na cabeça na esperança de que os músculos tensos relaxem um pouco enquanto entro mentalmente no closet do meu alojamento na base e procuro o que vestir.

O general Briggs — John, como o chamo quando estamos sozinhos — quer que eu use um uniforme de aviador ou, melhor ainda, o uniforme azul da Força Aérea, mas discordo. Eu deveria usar roupas civis, que é o que as pessoas me veem usar quando dou entrevistas na televisão, algo como um terninho escuro simples, blusa marfim de gola alta e o sóbrio relógio Breguet com pulseira de couro que minha sobrinha Lucy me deu. Não o Blancpain com o mostrador preto grande demais e engaste de cerâmica, também presente dela, que é obcecada por relógios e qualquer coisa tecnicamente complicada e cara. Nunca calça comprida, e, sim, saia e salto alto, assim pareço menos intimidadora e mais acessível, truque que aprendi há tempos no tribunal. Por alguma razão, os jurados gostam de ver minhas pernas enquanto descrevo ferimentos fatais em detalhes anatômicos vívidos e os últimos momentos de vida da vítima agonizante. Briggs vai ficar irritado com minha escolha de roupa, mas lembrei, enquanto bebíamos durante o Super Bowl na noite passada, que um homem não deve dizer a uma mulher o que vestir, a menos que ele seja Ralph Lauren.

O vapor em meu chuveiro desloca-se, perturbado por uma corrente de ar, e penso ouvir alguém. Fico instantaneamente irritada. Pode ser qualquer um, qualquer funcionária militar, médica ou não, que esteja autorizada a permanecer nestas instalações altamente restritas e necessite de um banheiro, de desinfecção ou de uma troca de roupa. Penso nas colegas com quem estava na sala de autópsia principal e tenho o pressentimento de que se trata, mais uma vez, da capitã Avallone. Ela foi presença inevitável na maior parte da manhã durante o exame de TC, como se eu não soubesse realizá-lo a esta altura, e ficou perambulando como uma névoa baixa em torno de minha estação de trabalho o restante do dia. Provavelmente, foi ela que acabou de entrar. Tenho certeza disso, na verdade, pois é sempre ela, e sinto um ressentimento. Vá embora.

“Dra. Scarpetta?”, grita a voz familiar, insossa e desprovida de emoção, que parece me seguir por toda parte. “Telefone para a senhora.”

“Acabei de entrar”, grito por sobre o jato forte de água.

É meu jeito de lhe pedir que me deixe em paz. *Um pouco de privacidade, por favor.* Não quero ver a capitã Avallone nem ninguém neste momento, o que nada tem a ver com o fato de estar nua.

“Desculpe. Mas Pete Marino precisa conversar com a senhora.” A voz inexpressiva aproxima-se.

“Vai ter que esperar”, berro.

“Ele disse que é importante.”

“Você pode perguntar o que ele quer?”

“Ele só disse que é importante, senhora.”

Prometo telefonar mais tarde e provavelmente pareço grosseira, mas, apesar de bem-intencionada, nem sempre consigo ser agradável. Pete Marino é um investigador com quem trabalhei durante metade da minha vida. Espero que nada terrível tenha acontecido em casa. Não, ele se certificaria de me informar se houvesse uma emergência real, como alguma coisa errada com meu marido, Lucy, ou se houvesse um problema grave no Centro Forense de Cambridge, que eu chefiava. Marino faria mais que apenas pedir a alguém que me informasse que está ao telefone e que é importante. Isso nada mais é que seu escasso controle dos próprios impulsos, concluo. Quando tem uma ideia, Marino acha que deve compartilhá-la comigo no mesmo instante.

Abro bem a boca, enxaguando o gosto de carne humana crestada e decomposta preso no fundo da garganta. O fedor do trabalho de hoje sobe em ondas de vapor e penetra fundo em meus seios paranasais, as moléculas de biologia pútrida me fazendo companhia no chuveiro. Esfrego por baixo das unhas com sabonete antibacteriano que esguicho de um frasco, o mesmo que uso nos pratos e para descontaminar minhas botas quando saio da cena do crime, e escovo os dentes, as gengivas e a língua. Lavo o interior das narinas tão longe quanto consigo alcançar, esfregando cada centímetro do corpo, em seguida lavo o cabelo, não uma, mas duas vezes, e o fedor persiste. Tenho a sensação de não conseguir ficar limpa.

O nome do soldado morto de quem acabo de me ocupar é Peter

Gabriel, como o astro do rock, só que esse Peter Gabriel era um soldado de primeira classe do Exército e não estava há nem um mês na província de Badghis, no Afeganistão, quando uma bomba à beira improvisada com um tubo plástico de esgoto lotado de PE-4, tampado com uma folha de cobre, perfurou a blindagem de seu Humvee, provocando uma explosão de metal derretido em seu interior. O soldado de primeira classe Gabriel consumiu a maior parte de meu último dia aqui neste imenso espaço high-tech, onde patologistas e cientistas das Forças Armadas envolvem-se rotineiramente em casos que a maioria do público não associa conosco: o assassinato de JFK; as identificações de DNA recentes da família Romanov e dos tripulantes do submarino *H.L. Hunley*, que afundou durante a Guerra Civil. Somos uma organização importante, mas pouco conhecida, com raízes que remontam a 1862 e ao Museu Médico do Exército, cujos cirurgiões cuidaram de Abraham Lincoln após o tiro e realizaram sua autópsia, coisas que eu deveria mencionar na CNN. Focar no positivo. Esquecer o que disse a sra. Gabriel. Não sou um monstro nem preconceituosa. *Você não pode culpar a pobre mulher por estar descontrolada*, digo a mim mesma. Ela acaba de perder o único filho. Os Gabriel são negros. *Como você se sentiria, pelo amor de Deus? É claro que você não é racista.*

Percebo novamente uma presença. Alguém entrou no vestiário, que consegui enevoar como um grande chuveiro a vapor. Meu coração bate forte devido ao calor.

“Dra. Scarpetta?” A capitã Avallone parece menos hesitante, como se tivesse novidades.

Fecho a água e saio do boxe, agarrando uma toalha para me enrolar. A capitã Avallone é uma presença indistinta pairando na névoa perto das pias e dos secadores de mão sensíveis ao movimento. Tudo o que consigo distinguir é o cabelo escuro, a calça cáqui e a polo preta com o emblema do AFMES bordado em dourado e azul.

“Pete Marino...”, ela começa a dizer.

“Vou ligar para ele em um minuto.” Apanho outra toalha em uma prateleira.

“Ele está aqui, senhora.”

“O que você está querendo dizer com *aqui?*” Quase espero que Ma-

rino se materialize no vestiário como uma criatura pré-histórica emergindo da névoa.

“Está esperando lá atrás, perto das baías”, informa ela. “Vai levar a senhora até o Eagle’s Rest para pegar suas coisas.” A capitã Avallone diz isso como se o FBI tivesse vindo me buscar, como se eu tivesse sido presa ou despedida. “Minhas instruções são para conduzir a senhora até ele e ajudar no que for necessário.”

O primeiro nome da capitã Avallone é Sophia. Ela é do Exército, acabou de sair da residência de radiologia e é sempre militarmente correta e servilmente educada enquanto perambula e perde tempo. Agora não é hora. Carrego minha cestinha, pisando no ladrilho, e ela segue logo atrás de mim.

“Só vou embora amanhã, e sair com Marino não faz parte dos meus planos de viagem”, digo.

“Posso cuidar do seu carro. Pelo que entendi, a senhora não vai dirigir...”

“Você perguntou a ele do que se trata?” Retiro do armário minha escova de cabelo e meu desodorante.

“Eu tentei, senhora”, responde a capitã. “Mas ele não colaborou.”

Um C-5 Galaxy ruge no alto, rumo a um dezenove. Como sempre, o vento está vindo do sul.

Um dos muitos princípios aeronáuticos que aprendi com Lucy, que, entre outras coisas, é piloto de helicóptero, é que os números da pista de pouso e decolagem correspondem à bússola. Dezenove, por exemplo, quer dizer cento e noventa graus, o que significa que a ponta oposta vai ser um, assim orientada devido ao efeito Bernoulli e às leis de movimento de Newton. Tem tudo a ver com a velocidade com que o ar precisa fluir sobre a asa, com decolar e aterrissar na direção do vento, que nesta parte de Delaware sopra a partir do mar, da alta para a baixa pressão, do sul para o norte. Entra dia sai dia, os aviões de transporte trazem e levam os mortos ao longo de uma pista de asfalto que corre como o rio Estige por trás do necrotério.

O Galaxy cinza tem o comprimento de um campo de futebol ame-

ricano, tão imenso e pesado que mal parece se mover no céu claro com nuvens leves, que os pilotos chamam de rabo de égua. Sei de que tipo de transporte aéreo se trata sem olhar, reconheço os guinchos e silvos agudos. A esta altura, conheço o som das turbinas produzindo cento e sessenta mil libras de propulsão, consigo identificar um C-5 ou um C-17 a quilômetros de distância e também conheço helicópteros e aeronaves com rotor, diferencio um Chinook de um Black Hawk ou de um Osprey. Com tempo bom, quando tenho alguns momentos para espairecer, sento no banco diante de meu alojamento e observo as aeronaves de Dover como se fossem criaturas exóticas, como peixes-bois, elefantes ou aves pré-históricas. Nunca me canso de seu corpo pesado, seu ruído atroador e das sombras que projetam quando passam no alto.

As rodas aterrissam tão perto, com baforadas de fumaça, que sinto o estrépito em meus órgãos ocos à medida que atravesso a recepção com suas quatro imensas baías, seu paredão de alta privacidade e geradores de reserva. Aproximo-me de uma van azul que nunca vi, e Pete Marino não faz nenhum movimento para me cumprimentar ou abrir a porta, o que não quer dizer nada. Ele não gasta energia com boas maneiras, e ser cortês ou agradável nunca foi sua prioridade, pelo que sei. Faz mais de vinte anos que nos conhecemos no necrotério de Richmond, Virginia. Ou talvez tenhamos nos encontrado pela primeira vez em alguma cena de homicídio. Realmente não lembro.

Entro e fecho a porta, enfiando a mochila entre as botas, o cabelo ainda úmido do banho. Ele me avalia em silêncio e acha que estou pés-sima. Sempre percebo por seus olhares de esguelha que me inspecionam da cabeça aos pés, demorando-se em certas partes que não lhe dizem respeito. Marino não gosta que eu use o uniforme do AFMES, a calça cáqui, a polo preta e a jaqueta tática, e nas poucas vezes em que me viu assim acho que ficou assustado.

“Onde você roubou a van?”, pergunto enquanto ele dá ré.

“Em uma locadora da Civil Air.” A resposta ao menos garante que não aconteceu nada com Lucy.

O terminal não oficial na extremidade norte da pista é usado por funcionários civis autorizados a pousar na base aérea. Minha sobrinha trouxe Marino até aqui e me passa pela cabeça que os dois vieram me

fazer uma surpresa. Apareceram sem avisar para me desobrigar do voo comercial pela manhã e me acompanhar até em casa. Doce ilusão. Não pode ser isso e procuro respostas no rosto de traços irregulares de Marino, captando sua aparência geral, quase da mesma forma que inspeciono um paciente à primeira vista. Tênis de corrida, jeans, jaqueta de couro Harley-Davidson com forro de lã que ele tem há uma eternidade, boné de beisebol dos Yankees que usa por sua própria conta e risco, levando-se em conta que agora mora no território dos Red Sox, e óculos de aro de metal antiquados.

Não sei dizer se ele raspou o pouco que lhe restou de cabelo grisalho, mas está limpo e relativamente bem cuidado, e não está vermelho de uísque nem tem a barriga inchada de cerveja. Os olhos não estão injetados de sangue. As mãos parecem firmes. Não sinto cheiro de cigarro. Ele continua longe do álcool e longe de outras coisas. Marino teve a sabedoria de se afastar de uma porção de coisas, um trem que se imiscui nos territórios instáveis de suas inclinações aborígenes. Sexo, brita, drogas, tabaco, comida, grosseria, intolerância, indolência. Eu provavelmente deveria acrescentar falsidade. Quando lhe convém, ele é evasivo ou simplesmente mente.

“Imagino que Lucy esteja no helicóptero...”, começo a dizer.

“Você sabe como é esta espelunca quando se está trabalhando num caso. Pior que a porra da CIA”, diz ele enquanto viramos na Purple Heart Avenue. “A casa da pessoa pode estar pegando fogo e ninguém diz merda nenhuma. Devo ter ligado umas cinco vezes. Então tomei uma decisão executiva e Lucy e eu viemos para cá.”

“Seria útil se você me dissesse por que está aqui.”

“Ninguém quis te interromper enquanto estava cuidando do soldado de Worcester”, diz ele para meu espanto.

O soldado de primeira classe Gabriel era de Worcester, Massachusetts, e não consigo entender por que Marino saberia em que caso eu estava trabalhando em Dover. Ninguém deveria ter contado. Tudo o que fazemos no necrotério é extremamente sigiloso, quando não estritamente confidencial. Pergunto-me se a mãe do soldado morto cumpriu a ameaça e convocou a imprensa. Pergunto-me se contou à imprensa que a médica-legista de seu filho, militar e branca, é racista.

Antes que eu consiga perguntar, Marino acrescenta: “Ao que tudo indica, ele é a primeira vítima de guerra de Worcester, e a mídia local está em cima. Recebemos algumas ligações, imagino que as pessoas estejam confusas e achem que qualquer defunto ligado a Massachusetts acabe com a gente”.

“Os repórteres acharam que íamos fazer a autópsia em Cambridge?”

“Bom, o CFC também é um necrotério. Talvez tenha sido por isso.”

“Seria de esperar que a imprensa a essa altura soubesse que todas as baixas de operações vêm direto para cá”, refuto. “Você tem certeza dos motivos do interesse deles?”

“Por quê?” Marino olha para mim. “Você sabe de algum outro motivo que eu desconheça?”

“Só estou perguntando.”

“Tudo o que sei é que recebemos alguns telefonemas e encaminhamos para Dover. Você estava no meio do trabalho com o garoto de Worcester e ninguém quis te chamar, então liguei para o general Briggs quando estávamos a vinte minutos de distância, abastecendo em Wilmington. Ele fez a capitã Abelhinha te procurar no chuveiro. Ela é solteira ou toca na banda de Lucy? Porque não é feia.”

“Como você sabe?”, pergunto, perplexa.

“Ela deu uma passada no CFC quando foi visitar a mãe no Maine. Você não estava.”

Tento recordar se fui informada disso e ao mesmo tempo lembro que não faço ideia do que acontece na repartição que devo chefiar.

“Fielding se encarregou do tour real, o anfitrião com algo mais.” Marino não gosta do meu sub, Jack Fielding. “A questão é que tentei avisar. Eu não pretendia simplesmente dar as caras assim.”

Marino está sendo evasivo e toda essa história é uma tática. É invenção. Por algum motivo, achou necessário simplesmente aparecer por aqui sem avisar. Talvez por querer se certificar de que eu vá com ele sem demora. Percebo que o problema é sério.

“Não pode ter sido pelo Gabriel que você deu as caras assim, como você mesmo disse”, aponto.

“Receio que não.”

“O que aconteceu?”

“Temos um problema.” Ele olha direto para a frente. “E eu disse a Fielding e a todos os outros que o corpo não ia ser examinado antes de você chegar.”

Jack Fielding é um patologista forense experiente que não recebe ordens de Marino. Se meu sub optou por não intervir e transferir para mim o corpo, isso significa que temos um caso que pode ter implicações políticas ou terminar em processo. O fato de Fielding não ter tentado me telefonar ou me passado um e-mail me incomoda bastante. Torno a verificar meu iPhone. Nada da parte dele.

“Por volta das três e meia ontem à tarde em Cambridge”, diz Marino, e agora estamos na Atlantic Street, dirigindo devagar na semiescuridão, no meio da base. “Em Norton’s Woods, na Irving, a menos de um quarteirão da sua casa. Uma merda você não estar em casa. Podia ter ido até a cena, a pé, e talvez as coisas tivessem acabado de forma diferente.”

“Que coisas?”

“Um homem de pele morena clara, na casa dos vinte. Estava passeando com o cachorro e caiu morto. Ataque cardíaco, certo? Errado”, continua ele enquanto passamos por fileiras de instalações de manutenção em concreto e metal, hangares e outras estruturas que têm números em vez de nomes. “É plena luz do dia de uma tarde de domingo, muita gente por perto, porque tinha um evento no que quer que seja aquele lugar, o com um telhado verde de metal.”

Norton’s Woods é a sede da Academia de Artes e Ciências dos Estados Unidos, uma propriedade arborizada com uma impressionante construção em madeira e vidro que é alugada para cerimônias especiais. Fica várias casas adiante daquela para a qual Benton e eu nos mudamos na primavera passada, a fim de que eu ficasse perto do CFC e ele de Harvard, onde faz parte do corpo docente do departamento de psiquiatria da faculdade de medicina.

“Em outras palavras, olhos e ouvidos”, continua Marino. “Um bom lugar e uma boa hora para matar alguém.”

“Pensei que você tivesse dito que ele sofreu um ataque do coração. Só que, sendo tão jovem, deve ter sido uma arritmia cardíaca.”

“É, era essa a hipótese inicial. Algumas testemunhas viram o sujeito

colocar a mão no peito de repente e cair. Ele morreu ali... pelo jeito. Foi transportado direto para nossa repartição e passou a noite na geladeira.”

“O que você quer dizer com ‘pelo jeito’?”

“Hoje cedo, Fielding entrou na geladeira e notou gotas de sangue no chão e muito sangue na bandeja, então foi chamar Anne e Ollie. O cara morto tinha sangue saindo pelo nariz e pela boca. Não estava ali na tarde anterior, quando ele foi dado como morto. Não havia sangue na cena, nem uma gota, e agora ele está sangrando, e não é hipóstase, claro, porque o cara não está em decomposição. O lençol com que está coberto está ensanguentado e tem mais ou menos um litro de sangue no saco que contém o corpo, o que é uma merda. Eu nunca tinha visto um morto começar a sangrar assim. Então eu disse que tínhamos a porra de um problema sério e todo mundo ficou de boca fechada.”

“O que Jack disse? O que ele fez?”

“Você está de gozação, não está? Que braço-direito o seu. Não vou nem começar.”

“Temos alguma identificação? E por que Norton’s Woods? Ele mora ali perto? Estuda em Harvard? Talvez na faculdade de teologia, ali perto? Duvido que ele estivesse indo ao evento. Não com um cachorro.” Pareço muito mais calma do que me sinto ao ter essa conversa no estacionamento da pousada Eagle’s Rest.

“Ainda não temos muitos detalhes, mas parece que era um casamento”, explica Marino.

“No domingo do Super Bowl? Quem marca um casamento no mesmo dia do Super Bowl?”

“Alguém que não quer que ninguém apareça. Ou que não é americano, ou que é antiamericano. Sei lá, mas acho que o morto não era um convidado do casamento, e não só por causa do cachorro. Ele levava uma Glock nove milímetros por baixo do casaco. Não tinha documentos e estava ouvindo um rádio portátil via satélite. Você já imagina aonde quero chegar com isso.”

“Na verdade não.”

“Lucy vai falar mais sobre a parte do rádio via satélite, mas parece que ele estava fazendo vigilância, espiando, e talvez a pessoa que ele estava sacaneando tenha decidido retribuir o favor. Resumindo, acho que alguém

fez alguma coisa com ele e causou um ferimento que de alguma forma passou despercebido aos paramédicos; o serviço de remoção também não notou nada. Então o zíper do saco é fechado e ele começa a sangrar durante o transporte. Bom, isso não aconteceria a não ser que ele tivesse alguma pressão sanguínea, ou seja, ainda estava vivo quando foi deixado no necrotério e trancado dentro da porra da geladeira. Com catorze, quinze graus negativos lá dentro, ele deve ter morrido esta manhã por exposição ao frio. Supondo que não tenha sangrado até a morte primeiro.”

“Se ele tinha um ferimento que causaria sangramento externo”, pergunto, “por que não havia sangue na cena?”

“Explique você.”

“Por quanto tempo tentaram ressuscitar o cara?”

“Quinze, vinte minutos.”

“Não é possível que um vaso sanguíneo tenha sido de alguma forma perfurado nesse período?”, pergunto. “Lesões anteriores e posteriores à morte, quando suficientemente graves, podem causar sangramento significativo. Talvez durante a reanimação cardiopulmonar uma costela tenha fraturado e causado uma perfuração ou seção em uma artéria. Um tubo torácico pode ter sido inserido e causado um ferimento e o sangramento que você descreveu.”

Mas sei que não é nada disso antes mesmo de dizer. Marino é um investigador de homicídios experiente. Não teria requisitado minha sobrinha e seu helicóptero para vir a Dover sem aviso prévio se houvesse uma explicação lógica ou mesmo plausível, e Jack Fielding certamente reconheceria um ferimento como o que eu sugeriu. *Por que ele não tentou falar comigo?*

“O quartel do Corpo de Bombeiros de Cambridge deve ficar a um quilômetro e meio de Norton’s Woods, e o pelotão chegou em poucos minutos”, informa Marino.

Estamos sentados na van com o motor desligado. Está quase completamente escuro, o horizonte e o céu se fundem, com um débil vestígio de luz a oeste. *Quando Fielding lidou com algum revés sem mim? Nunca.* Ele se afasta. Deixa a sujeira para os outros limparem. Foi por isso que não tentou fazer contato comigo. Talvez tenha largado o emprego de novo. Quantas vezes precisa fazer isso para que eu pare de recontratá-lo?

“De acordo com eles, o sujeito morreu instantaneamente”, acrescenta Marino.

“A menos que um explosivo arrebente alguém em centenas de pedaços, na verdade não existe essa coisa de morrer instantaneamente”, retruca, porque detesto quando Marino fala clichê. Morrer instantaneamente. Cair morto. Morreu antes de atingir o solo. Vinte anos de generalidades como essas, não importa quantas vezes eu tenha dito que paradas cardíaca e respiratória não são causas, mas sintomas da morte, o que em termos clínicos leva no mínimo alguns minutos. Nunca é instantânea. Não é um processo simples. Torno a lembrá-lo dessa questão médica porque não consigo pensar em mais nada para dizer.

“Bom, só estou relatando o que me contaram. De acordo com eles, o cara não pôde ser ressuscitado”, responde Marino como se os paramédicos soubessem mais sobre a morte do que eu. “Não reagiu. É o que está no prontuário.”

“Você interrogou os paramédicos?”

“Um deles. Por telefone esta manhã. Sem pulso, sem nada. O cara estava morto. Ou foi o que disse o paramédico. Mas o que você acha que ele ia dizer? Que eles não tinham certeza, mas mesmo assim mandaram o sujeito para o necrotério?”

“Então você contou a ele por que estava perguntando.”

“Porra, não, não sou nenhum retardado. Ninguém precisa disso na primeira página do *Globe*. Se chegar aos noticiários, posso muito bem voltar para o departamento de polícia de Nova York ou, quem sabe, terminar na Wackenhut, só que ninguém está contratando.”

“Que procedimento você seguiu?”

“Não segui merda nenhuma. Foi Fielding. É claro que ele está dizendo que fez tudo como manda o figurino, e que a DP de Cambridge informou que não havia nada de suspeito na cena, uma morte natural evidente, com testemunhas. Fielding deu permissão para que o corpo fosse transferido ao CFC desde que os policiais ficassem com a custódia da arma e a levasssem de imediato para o laboratório para que descobrissemos em nome de quem está registrada. Um caso de rotina, e não é culpa nossa se os paramédicos fizeram besteira, ou assim diz Fielding. E você sabe o que eu digo? Não importa. Vamos levar a culpa. A imprensa

vai nos perseguir como você nunca viu e vai dizer que tudo deveria voltar para Boston. Já imaginou?”

Antes que o CFC começasse a trabalhar nos primeiros casos no verão passado, a agência estatal de medicina legal localizava-se em Boston e vivia cercada por problemas políticos e econômicos, sem mencionar os escândalos que estavam constantemente nos noticiários. Corpos eram perdidos, enviados à funerária errada ou cremados sem exame minucioso, e em pelo menos uma suspeita de morte de criança por maus-tratos foram testados os globos oculares errados. Novos chefes chegaram e partiram, e órgãos distritais tiveram de ser fechados devido à falta de financiamento. Mas nada de negativo que já tenha sido dito a respeito daquela instituição se compara ao que Marino está sugerindo a nosso respeito.

“Prefiro não imaginar nada.” Abro a porta. “Vou me concentrar nos fatos.”

“Isso é um problema, já que parece que não temos nada que faça muito sentido.”

“E você contou a Biggs o que acabou de me contar?”

“Contei o que ele precisava saber”, responde Marino.

“A mesma coisa que acabou de me contar?”, repito a pergunta.

“Praticamente.”

“Não devia ter feito isso. Devia ter me deixado contar. Eu decido o que ele precisa saber.” Estou sentada com a porta do carona bem aberta e o vento entrando. Ainda estou úmida do banho e sinto frio. “Não pode quebrar a cadeia de comando só porque estou ocupada.”

“Bom, você estava *muito* ocupada, então contei a ele.”

Desço da van e me tranquilizo dizendo que o que Marino acaba de descrever não pode estar correto. Os paramédicos de Cambridge jamais cometariam um erro tão absurdo; tento evocar uma explicação para um ferimento fatal não sangrar na cena e depois sangrar de forma profusa e penso em como computar a hora da morte ou mesmo a causa de alguém que morreu dentro da geladeira de um necrotério. Estou confusa. Não faço a menor ideia do que está acontecendo e, acima de tudo, estou angustiada por ele, por esse jovem entregue a mim, dado como morto. Visualizo-o envolto em um lençol e acondicionado em um saco, o zíper fechado, e é essa a essência dos velhos horrores.

Alguém que recupera os sentidos dentro de um caixão. Alguém que é enterrado vivo. Nunca me aconteceu nada tão terrível, nem de perto, nem uma única vez em minha carreira. E nunca conheci ninguém que tenha passado por isso.

“Pelo menos não há nenhum sinal de que ele tentou sair do saco.” Marino está tentando fazer com que ambos nos sintamos melhor. “Nada que indique que ele pode ter acordado a certa altura e entrado em pânico. Você sabe, sinais de que tentou abrir o zíper, chutar ou coisa parecida. Acho que, se ele tivesse lutado, estaria em outra posição na bandeja quando o encontramos esta manhã, ou talvez tivesse até rolado para fora dela. Não tinha pensado nisso, mas uma pessoa não sufocaria num saco daqueles? Supostamente eles são à prova d’água. Ainda que vazem. Queria ver um que não vazasse. E essa é a outra questão. Os pingos de sangue no chão vão na direção da baia para a geladeira.”

“Por que não continuamos isso mais tarde?” É hora do check-in. Há muita gente no estacionamento quando nos dirigimos à entrada moderna, mas simples, da pousada, e Marino tem uma voz grossa que se projeta como se ele estivesse sempre falando de um palco.

“Duvido que Fielding tenha se dado o trabalho de ver a gravação”, continua Marino. “Duvido que tenha feito qualquer coisa. Não vi nem tive notícias do filho da puta desde hoje cedo. Desapareceu na hora H de novo.” Marino abre a porta principal de vidro. “Espero que não tenhamos que fechar por causa daquele imprestável. Não seria incrível? Você faz ao cara a porra de um favor lhe dando um emprego depois que ele se mandou e ele destrói o CFC antes mesmo que o lugar comece a decolar.”

No interior do hall de entrada com mostruários contendo prêmios e memorabilia da Força Aérea, cadeiras confortáveis e uma tv gigantesca, uma placa dá as boas-vindas aos hóspedes na sede do C-5 Galaxy e do C-17 Globemaster III. Na recepção, espero silenciosamente atrás de um homem que veste as listras de tigre extravagantes e indistintas dos uniformes de combate do Exército, enquanto compra creme de barbear, água e várias garrafinhas de Johnnie Walker. Informo ao recepcionista que estou fechando a conta antes do planejado e, sim, vou me lembrar de entregar as chaves, e é claro que comprehendo que vão me cobrar a diária de trinta e oito dólares mesmo que eu não passe a noite lá.

“Como é que se diz?”, continua Marino. “O inferno está cheio de boas intenções?”

“Vamos tentar não ser tão negativos.”

“Você e eu abrimos mão de bons empregos em Nova York e fechamos o escritório em Watertown, e é isso o que acontece.”

Não me pronuncio.

“Realmente espero que isso não acabe com a nossa carreira”, prossegue ele.

Não respondo, porque já ouvi o bastante. Depois das lojinhas e das máquinas de refrigerante, salgadinho e doce, pegamos a escada para o segundo andar e é então que ele me informa que Lucy não está esperando com o helicóptero no Terminal Aéreo Civil. Está em meu quarto. Fazendo minhas malas, tocando em meus pertences, tomando decisões sobre eles, esvaziando meu armário, minhas gavetas, desligando meu laptop, minha impressora, o roteador. Ele esperou para me dizer porque sabe muito bem que, em circunstâncias normais, isso me irritaria absurdamente — não importaria que se tratasse da minha sobrinha, o gênio da informática, ex-policial federal, que criei como uma filha.

As circunstâncias são tudo menos normais, e sinto-me aliviada que Marino esteja aqui e Lucy esteja em meu quarto, que tenham vindo me buscar. Preciso chegar em casa e resolver tudo. Percorremos o longo corredor com tapete vermelho-escuro, passamos pela varanda decorada com reproduções coloniais e uma cadeira eletrônica de massagem atenciosamente instalada para os pilotos cansados. Insiro o cartão magnético na abertura na porta do quarto e me pergunto quem teria deixado Lucy entrar, então torno a pensar em Briggs e na CNN. Não posso nem pensar em aparecer na tv. E se a imprensa tomou conhecimento do que aconteceu em Cambridge? A essa altura eu saberia. Marino saberia. Bryce, meu administrador, saberia e teria me contado imediatamente. Tudo vai ficar bem.

Lucy está sentada em minha cama bem-feita, fechando o zíper de minha nécessaire de cosméticos. Detecto o perfume cítrico apurado de seu xampu quando a abraço e percebo o quanto ela me fez falta. Um macacão de voo preto acentua seus olhos verdes atrevidos, o cabelo curto dourado, as feições angulosas e a magreza, o que me faz lembrar o

quanto ela é atraente de um jeito pouco comum, com ar de menino, porém feminina, vigorosamente esculpida, com seios em evidência e tão intensa que parece selvagem. Independentemente de estar brincando ou sendo educada, minha sobrinha tende a intimidar e tem poucos amigos, talvez nenhum a não ser Marino, e seus amores nunca duram. Nem mesmo Jaime, embora eu não tenha revelado minhas suspeitas. Não perguntei. Mas não engulo a história de Lucy de ter se mudado de Nova York para Boston por razões financeiras. Mesmo que sua empresa investigativa de informática forense estivesse em declínio, no que tam-pouco acreito, ela estava ganhando mais em Manhattan do que recebe agora do CFC, que é nada. Minha sobrinha trabalha para mim *pro bono*. Ela não precisa de dinheiro.

“Qual é a história do rádio via satélite?” Observo-a com atenção, tentando interpretar seus sinais, que são sempre sutis e desconcertantes.

As cápsulas chocalam enquanto ela verifica quantos Advils há em um frasco, decidindo que não o bastante para perder tempo e o atira no lixo. “Vamos pegar mau tempo, então eu gostaria de sair logo daqui.” Ela destampa um frasco de Zantac, descartando-o a seguir. “Conversamos durante o voo. Vou precisar da sua ajuda como copiloto. Vai ser complicado escapar das nevadas e da chuva no caminho. Trezentos milímetros, começando por volta das dez.”

Meu primeiro pensamento é Norton’s Woods. Preciso fazer uma visita retrospectiva, mas quando chegar lá, o lugar vai estar coberto de neve.

“É uma pena”, comento. “A cena do crime não foi investigada como deveria.”

“Pedi à DP de Cambridge para voltar lá esta manhã.” Os olhos de Marino se deslocam como se fosse meu alojamento que necessitasse ser investigado. “Não encontraram nada.”

“Perguntaram por que você quis que investigassem?” A mesma preocupação outra vez.

“Eu disse que tínhamos dúvidas. Coloquei a culpa na Glock. O número de série foi apagado. Acho que não contei isso”, acrescenta ele enquanto olha ao redor, atento a tudo menos a mim.

“Podemos tentar recuperar o número com ácido. Se não der certo,

ainda temos o microscópio eletrônico de varredura”, concluo. “Se restou algum traço, vamos encontrar. E vou pedir a Jack para ir a Norton’s Woods e fazer uma retrospectiva.”

“Tenho certeza de que ele vai começar a trabalhar nisso”, diz Marino em tom sarcástico.

“Ele pode tirar fotografias antes que a neve comece”, acrescento.
“Ou alguma outra pessoa. Quem estiver de plantão...”

“É perda de tempo”, diz Marino me interrompendo. “Nenhum de nós estava lá ontem. Não sabemos qual a porra do local exato... só que ficava perto de uma árvore e de um banco verde. Bom, isso é de grande ajuda quando você está falando de cerca de três hectares de árvores e bancos verdes.”

“E fotografias?”, pergunto enquanto Lucy continua a vasculhar minha pequena farmácia de pomadas, analgésicos, antiácidos, vitaminas, colírios e antissépticos espalhada sobre a cama. “A polícia deve ter batido fotos do corpo *in situ*.”

“Ainda estou esperando o detetive me mandar. O cara que responde pela cena trouxe a pistola hoje de manhã. Lester Law, atende por Les Law, mas nas ruas é mais conhecido como Lawless, corrupto exatamente como o pai e o avô antes dele. Os tiris de Cambridge voltando à porra do *Mayflower*. Mas não conheci o sujeito.”

“Bom, acho que é isso.” Lucy se levanta da cama. “Quer conferir se não esqueci nada?”, acrescenta ela.

O lixo está abarrotado, minhas malas estão arrumadas e enfileiradas em uma das paredes, a porta do armário está escancarada, sem nada dentro exceto cabides vazios. Equipamentos de informática, arquivos impressos, artigos de jornal e livros desapareceram da minha escrivaninha, e não há nada no cesto de roupas sujas, nem no banheiro ou nas gavetas da cômoda que inspeciono. Abro a pequena geladeira. Está vazia e foi limpa. Enquanto ela e Marino começam a carregar minhas coisas para fora, teclo o número de Briggs no meu iPhone. Olho para o prédio de estuque de três andares no outro lado do estacionamento, para a ampla janela espelhada no meio do terceiro andar. Ontem à noite eu estava nessa suíte com ele e outros colegas assistindo ao jogo, e a vida era boa. Aplaudimos o New Orleans Saints e nosso próprio trabalho e brindamos

ao Pentágono e a sua Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa, a DARPA, que haviam tornado possíveis as autópsias virtuais com o auxílio de TC em Dover e agora no CFC. Comemoramos a missão cumprida, o trabalho bem-feito, e agora isso, como se a noite passada não fosse real, como se eu tivesse sonhado.

Respiro fundo e aperto ENVIAR em meu iPhone, sentindo-me oca por dentro. Briggs não pode estar satisfeito comigo. Imagens lampejam na TV de tela plana instalada na parede da sala de estar, então ele passa pelo vidro vestindo seu uniforme de combate do Exército, verde e marrom com gola chinesa, o que normalmente usa quando não está no necrotério ou em uma cena de crime. Vejo-o atender ao telefone e retornar à ampla janela, onde para, olhando direto para mim. A certa distância, estamos cara a cara, uma extensão de asfalto e carros estacionados entre mim e o legista-chefe das Forças Armadas, como se estivéssemos à beira de um impasse.

“Coronel.” Ele me cumprimenta em tom sombrio.

“Acabo de saber. E garanto que vou cuidar disso. Estarei no helicóptero em uma hora.”

“Você sabe o que sempre digo.” A voz profunda e autoritária soa em meu fone de ouvido e tento detectar seu grau de mau humor e o que ele vai fazer. “Tudo tem uma resposta. O problema é encontrar essa resposta e a melhor maneira de fazer isso. A maneira mais correta e adequada.” Ele parece calmo. Cauteloso. Muito sério. “O resto fica para outra ocasião”, acrescenta.

Briggs está fazendo menção ao último briefing que havíamos programado. Tenho certeza de que também se refere à CNN, e me pergunto o que Marino contou. O que exatamente ele disse?

“Concordo, John. Tudo deve ser cancelado.”

“Já foi.”

“É a coisa certa.” Soo trivial. Não vou deixar que ele perceba minha insegurança e sei que a está farejando. Sei muito bem que está. “Minha prioridade é determinar se a informação que me foi passada está correta. Porque não vejo como pode ser possível.”

“Não é uma boa hora para você ir ao ar. Não preciso que Rockman nos diga isso.”

Rockman é o assessor de imprensa. Briggs não precisa falar com ele porque já fez isso. Tenho certeza.

“Entendo”, respondo.

“Um sincronismo incrível. Se eu fosse paranoico, podia simplesmente pensar que alguém orquestrou algum tipo bizarro de sabotagem.”

“Com base no que me contaram, não vejo como isso seria possível.”

“Eu disse se fosse paranoico”, retruca Briggs e, de onde estou, distingo a figura musculosa magnífica, mas não consigo ver a expressão em seu rosto. E não preciso. Ele não está sorrindo. Os olhos cinzentos são aço galvanizado.

“A sincronia pode ser coincidência ou não”, digo. “É o pressuposto básico em investigações criminais, John. É sempre uma coisa ou outra.”

“Não vamos banalizar a situação.”

“Estou fazendo tudo menos isso.”

“Não consigo pensar em nada muito pior que uma pessoa viva ser colocada na porra da sua geladeira”, diz ele sem rodeios.

“Nós não sabemos...”

“É uma pena depois de tudo isso.” Como se tudo o que construímos ao longo dos últimos anos estivesse à beira da ruína.

“Não sabemos se o que foi relatado é exato...”, começo a dizer.

“Acho que seria melhor trazer o corpo para cá”, interrompe ele mais uma vez. “O AFDIL pode trabalhar na identificação. Rockman vai se certificar de que a situação fique sob controle. Temos tudo de que precisamos bem aqui.”

Estou pasma. Briggs quer mandar um avião a Hanscom Field, a base aérea afiliada ao CFC. Quer que o Laboratório de Identificação de DNA das Forças Armadas, provavelmente com outros laboratórios militares e outra pessoa que não eu, cuide do que aconteceu porque acha que não tenho competência para isso. Ele não confia em mim.

“Não sabemos se estamos falando da jurisdição federal”, lembro-lhe.

“A menos que você saiba alguma coisa que eu não sei.”

“Olhe. Estou tentando fazer o que é melhor para todos os envolvidos.” Briggs tem as mãos às costas, as pernas ligeiramente afastadas, os olhos fixos em mim no outro lado do estacionamento. “Podemos despachar um C-17 para Hanscom. Podemos ter o corpo aqui por volta de

meia-noite. O CFC é um necrotério também, e é isso que os necrotérios fazem.”

“Não é isso que os necrotérios fazem. A ideia não é que os corpos sejam recebidos, então transferidos para as autópsias e análises de laboratório. O CFC não foi projetado para ser uma primeira triagem para Dover, uma verificação preliminar à intervenção dos peritos. Essa nunca foi minha intenção nem o que foi acordado quando trinta milhões de dólares foram gastos na repartição em Cambridge.”

“Você devia ficar em Dover, Kay. Trazemos o corpo para cá.”

“Estou pedindo a você que não intervenha, John. Neste momento, o caso pertence à alcada do legista-chefe de Massachusetts. Por favor, não desafie a minha autoridade.”

Há uma longa pausa, então ele afirma, em vez de perguntar: “Você realmente quer essa responsabilidade”.

“Ela é minha, eu querendo ou não.”

“Estou tentando te proteger. Tenho tentado.”

“Não faça isso.” Não é o que ele está tentando fazer. Não tem confiança em mim.

“Posso mobilizar a capitã Avallone para ajudar. Não é má ideia.”

Mal posso acreditar que ele tenha sugerido isso. “Não é necessário”, refuto em tom firme. “O CFC é perfeitamente capaz de lidar com a situação.”

“Que fique registrado que ofereci.”

Que fique registrado junto a quem? Ocorre-me, de forma estranha, que talvez haja outra pessoa na linha. Briggs continua de pé diante da janela. Não sei se há mais alguém na suíte com ele.

“O que você decidir”, diz então. “Não vou passar por cima de você. Ligue assim que souber de alguma coisa. Me acorde se for preciso.” Ele não diz adeus, nem boa sorte, nem foi bom ter você por aqui por seis meses.